

## EDUCAÇÃO E SENSIBILIDADE

Prof. Silvino Santin

### Resumo

O tema **educação e sensibilidade** aponta para um universo quase ilimitado. O estudioso da sensibilidade percebe de imediato que está ouvindo o anúncio de perspectivas diferentes e alternativa possíveis sem a segurança, entretanto, de poder alcançar respostas e soluções definitivas. Num primeiro momento, numa atitude espontânea, a questão da sensibilidade surge como um contraponto à racionalidade das filosofias racionalistas e das ciências positivistas. Desenha-se o confronto entre o homem da razão e o homem do coração. Aos poucos, entretanto, numa reflexão mais atenta e paciente percebe-se que não está claro identificar uma racionalidade rigorosamente definida, portadora de parâmetros universais científicos, em oposição a uma sensibilidade, por ela excluída, mas fonte dos valores mais legítimos da humanidade do homem. Em outras palavras, se, de um lado, fica difícil estabelecer a ordem de uma racionalidade absoluta, universalmente válida, por outro lado, fica também comprometedor garantir que há uma sensibilidade absolutamente boa, aceita como a fonte das características especificamente humanas. E, por fim, diante disto como seria possível estabelecer os limites de dois campos opostos e mutuamente excludentes. O ponto fundamental, no meu entender, que uma reflexão filosófica sobre **educação e sensibilidade** revela é a necessidade de se mudar as práticas acadêmicas habituais, que encontram nas definições e nos conceitos os instrumentos mais adequados de explicação de todo e qualquer objeto de estudo, para mergulhar no misterioso mundo da vida humana, não observada sob o ponto de vista biológico, mas surpreendida no interior das construções simbólicas que sustentam as diferentes ordem culturais. Fica claro, também, que as preocupações com a sensibilidade revelam duas situações presentes no homem contemporâneo. De um lado, percebe-se um certo desencanto com os poderes, as lógicas e as luzes da racionalidade, de outro lado, acredita-se que uma volta á sensibilidade pode trazer um revigoramento do processo de humanização ou re-humanização da humanidade. A racionalidade, tal qual é praticada pela era moderna, representaria, apesar de todos os seus benefícios, uma ameaça crescente de desumanização e a sensibilidade uma esperança de redescoberta do humano. Resumindo, a sensibilidade cultivada pela racionalidade tornou-se reducionista, seria preciso apelar para outras formas de sensibilidade, capazes de proporcionar um novo encontro do homem consigo mesmo e com o universo.

Sta. Maria, 8 de outubro de 1997.

## **EDUCAÇÃO E SENSIBILIDADE**

### **PROGRAMA:**

**1. SITUANDO O TEMA.**

**2. UM LUGAR PARA A SENSIBILIDADE.**

**3. A METODOLOGIA**

**4. UM PROJETO EDUCACIONAL**

**5. O HOMEM UM SER DE SENSIBILIDADE**

**5.1 A ilusão de uma racionalidade absoluta**

**5.2 A falsa idéia de uma sensibilidade saudável e oposta à racionalidade**

**6. AS DIMENSÕES DA SENSIBILIDADE**

**6.1 A sensibilidade é vida**

**6.2 A sensibilidade é livre**

**6.3 A sensibilidade é transgressora**

**6.4 A sensibilidade é comprometedora**

**6.5 A sensibilidade é perigosa**

**6.6 A sensibilidade é presença**

## EDUCAÇÃO E SENSIBILIDADE

### 1. SITUAÇÃO DO TEMA

**Educação e sensibilidade** foram duas palavras que me acompanharam durante vários meses. Com elas vivi momentos de muita ambigüidade. Ora sentia-me entusiasmado por perceber nelas um movimento renovação e de esperança para o homem contemporâneo, talvez, início de um novo projeto educacional. Ora sentia-me confuso e perdido diante das imensas opções de tratá-las. Quando julgava ter encontrado um rumo e os limites de minha abordagem, defrontava-me com a falta de uma metodologia adequada para abordar o tema. Foi sob o signo desta ambigüidade que desenvolvi este meu estudo para este **Primeiro Encontro Internacional de Enfermagem** com o tema **Educação e Saúde**. Tal ambigüidade, se por um lado, deixava-me confuso, por outro lado, mantinha-me vigilante para não cair na prática de um discurso racionalizante e simplificador. A sensibilidade é um fenômeno complexo. Não seria uma maneira de negá-la ao querer expressá-la em idéias claras e distintas segundo os procedimentos da metodologia cartesiana ou submetê-la às lógicas simplificadoras? A minha resposta é positiva.

Na verdade, **educação e sensibilidade**, são duas palavras simples. Fazem parte do nosso vocabulário cotidiano. Aparentemente nenhum mistério, nenhuma dúvida. Talvez, por causa desta ingênuo clareza doméstica de duas palavras tão familiares, tornou-se difícil estabelecer o conteúdo a ser desenvolvido, numa atividade que precisa assumir os vestuários solenes e científicos da academia. Não é a primeira vez que me coloco diante do tema da sensibilidade, mas confesso, quanto mais busco me aproximar e definir o seu significado, tanto mais me sinto distanciado pelas características dos procedimentos impostos pelas exigências da cientificidade. Posso até exagerar, mas sinto-me um profanador da sacralidade dos mistérios da sensibilidade utilizando as ferramentas da racionalidade.

De fato, o que queremos anunciar quando dizemos **educação e sensibilidade**? Que tipo de problema temos diante de nós? Qual sua abrangência? Seria objeto de uma ciência específica? Ou seria um tema que está na raiz de todas as ciências. A sensibilidade não seria a fonte inspiradora de todo saber e todo agir humano? Portanto, nunca poderá ser objeto de uma só ciência ou, mesmo, de todas as ciências, pelo simples fato de que ela é a geradora de todas elas. Com base no que foi dito, não seriam a poesia e a arte as linguagens mais adequadas para se falar da sensibilidade? Uma conclusão me parece evidente, o

procedimento mais correto é tentar descrever as múltiplas formas ou manifestações da sensibilidade que orientaram e orientam o desenvolvimento da humanização do homem.

Diante do que acabei de dizer quero avisar aos ouvintes que a minha fala vai ser uma narrativa ou uma descrição desta ambigüidade, à qual me entreguei com toda submissão, vivida diante do tema da conferência **educação e sensibilidade**. Não tenho condições e, também, não acredito que se entenda a sensibilidade através de uma representação mental contida em definições, mas na contemplação dos fatos onde foi vivenciada ou, talvez, com maior riqueza, nos momentos que nós mesmos, cada um de nós, a experienciou de maneira intensa. Não são os discursos que nos oferecem a compreensão da sensibilidade mas a sua vivência.

## 2. UM LUGAR PARA A SENSIBILIDADE

O ponto, para mim, inquestionável é sua importância fundamental, diria até, indispensável para o reencontro da humanidade consigo mesma. Toda vez que há um certo esgotamento, seja num organismo vivo, seja numa instituição, torna-se indispensável o apelo a um elemento revitalizador. Thomas Mann, por exemplo, encontrou na obra poética e literária de Friedrich Schiller o reforço indispensável para revitalizar a cultura alemã do século XIX demasiadamente racionalista. E Schiller é exatamente o pensador que centra sua obra na educação estética do homem centrada sobre dois impulsos o impulso sensível e o impulso lúdico, ambos tributários das fontes criativas do imaginário humano. Para Schiller o homem vai procurar no campo do sentimento o que não achou no campo do conhecimento e o que não conseguiu ainda encontrar nos limites estreitos da razão.

Adaptando, em parte e livremente, as considerações de Thomas Mann sobre o papel de Schiller na cultura alemã, quero fazer algumas comparações. Sabemos todos que assim como um organismo vivo pode adoecer, definhar e morrer porque em seu dinamismo interno falta um determinado elemento, um alimento específico, uma vitamina, uma proteína; da mesma maneira as situações de nosso modo de vida pessoal, do organismo de nossa ordem social, de nossas instituições educacionais, de nosso sistema político, de nosso modelo econômico, do nosso atendimento na saúde podem degenerar e decompor-se porque lhes falta o ar puro e revitalizador da sensibilidade, geradora de emoções e de sentimentos.

Como demonstrar ao homem contemporâneo que a sensibilidade deve ocupar um lugar mais significativo na vida individual e em toda ordem cultural, já que dela está propositalmente afastado em nome das normas da racionalidade. Não é preciso insistir sobre a atitude de descaso, quando não de exclusão, das manifestações da sensibilidade, assumida pelos homens da ciência e da filosofia racional. A sensibilidade não faz parte do universo da pesquisa científica e não é aceita como elemento da reflexão filosófica, não é boa conselheira para decidir as atividades dos profissionais da saúde e de qualquer outra

profissão. Apelar para os procedimentos científicos nada resolve porque exatamente estes são responsáveis pela não aceitação das contribuições e da simples presença da sensibilidade na produção do saber científico.

Valeria a pena invocar aqueles que denunciam o reducionismo desumano gerado pela racionalidade tanto das filosofias quanto das ciências? Esta lembrança, se não é convincente, pelo menos revela que em todos os momentos na história cultural do ocidente, surgiram pensadores que denunciaram o privilegiamento das construções do conhecimento, ou seja, a superioridade da apreensão inteligível da realidade sobre o sentimento. O número destes rebeldes contra a supremacia do pensamento intelectual é imensa. Vou limitar-me a citar dois deles que, de certa forma, situam-se em lugares distintos, mas frente a este problema estão muito próximos. O primeiro, não poderia deixar de ser, por oferecer, no meu entendê-lo como o mais vigoroso denunciador da humanidade racionalizada, é Friedrich Nietzsche. E a passagem mais contundente, penso eu, escrita ainda no final do século passado, é a seguinte: "há muitos séculos, em um ponto perdido no universo, banhado pelas cintilações de inúmeras galáxias, houve um dia um planeta em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante mais arrogante e mais mentiroso da história do universo, mas foi apenas um instante. Depois de alguns suspiros da natureza, o planeta se congelou e os tais animais inteligentes tiveram que morrer". Não me atrevo fazer comentários, pois o estilo dos escritos de Nietzsche não se deixam explicar mas vivenciar, exatamente como acontece com a poesia e com a obra de arte.

O segundo autor, embora menos conhecido e citado, mas que julgo importante para reforçar o que pretendo dizer, é Miguel de Unamuno. Escreve, em sua obra **Del Sentimiento tragico de la vida**, "a ciência poderá satisfazer, e de fato satisfaz em uma medida crescente, nossas crescentes necessidades lógicas e mentais, nosso desejo de saber e conhecer a verdade, mas a ciência não satisfaz nossas necessidades afetivas e volitivas, nossa fome de imortalidade, e longe de satisfazê-la, a contradiz " (p.58). A sensibilidade é, uma característica iminentemente do ser vivo, e para Unamuno, o vivo, "o que é absolutamente instável, o absolutamente individual é, a rigor, ininteligível". Portanto a sensibilidade é ininteligível, mas somente vivenciável.

Junto com esses autores clássicos poderia, para ficar entre nós, citar Fábio Konder Comparato ao dizer que a "insensibilidade ética dos governantes, a sua incapacidade de sentir em profundidade as situações de aviltamento e exploração de multidões humanas, conduzem a reiterados fracassos as políticas consideradas mais racionais possíveis, fundadas em análises científicas e juízos imparciais. Esses governantes, ainda que bem assessorados intelectual e tecnicamente, encontram-se condenados a ignorar constatemente a alma do povo. Os políticos mais intelectualizados seriam, segundo Comparato, os mais vulneráveis por estas moléstias da insensibilidade.

Será que essas observações De Fábio Konder Comparato não poderiam ser extensivas a tantos profissionais que exercem suas atividades exclusivamente em nome dos princípios rígidos da razão, e vêem na sensibilidade uma ameaça à sua competência e eficiência?

Acredito que, para completar o quadro descritivo do lugar da sensibilidade, seria muito importante observar alguns fatos que caracterizam sintomaticamente o comportamento das sociedades em geral. Parece não haver dúvidas que as multidões se mobilizam diante dos gestos inspirados na sensibilidade e nos sentimentos. Não é diante de discursos acadêmicos, de teorias científicas que a esmagadora maioria da humanidade sente-se atraída, mas diante de gestos de solidariedade, de atendimento aos necessitados, aos desprotegidos. A humanidade não se encanta diante dos cientistas que transmitem conhecimentos abstratos, que apresentam suas descobertas, mas se extasia diante daqueles que se dedicam desinteressadamente ao serviço dos doentes, dos pobres, das vítimas da guerra e de toda sorte de excluídos. Mais do que conhecimentos o homem parece procurar afeto e segurança, ternura e carinho. O depoimento de um doente, socorrido por Madre Teresa de Calcutá, parece confirmar essa busca de aconchego da sensibilidade mais do que das explicações dos conhecimentos da inteligência. Apesar de estar ele diante do fim inexorável declarava com certo grau de felicidade: "toda a vida fui tratado como animal. Agora, graças à senhora, sou feliz por uns momentos porque ao menos vou morrer como homem".

### **3. A METODOLOGIA**

Na busca de recolocar a sensibilidade no contexto da vida humana pessoal e coletiva, de modo geral, e na educação e saúde em especial, qual seria a metodologia mais adequada? A demonstração do valor da sensibilidade deverá necessariamente passar pelos procedimentos das pesquisas científicas? Ela precisará tornar-se um objeto do conhecimento. O nosso pensamento oficial é o que se identifica com o pensar racional. Raciocinamos logicamente. Trabalhamos com conceitos e definições. Temos o hábito de querer conhecer as coisas. E conhecer é ter representações mentais de nossos objetos de estudo. Algo alcança o estatus de realidade quando se tornou um conhecimento. Ficar no estágio da vivência, do sensível, do emocional, do sentimento nada garante que estamos diante do real.

Apesar desta tradição cognitivista diante da realidade estou convencido que a sensibilidade pode e deve ser abordada com outros procedimentos. Talvez, neste momento, posso, mais uma vez, recorrer aos aforismos de Nietzsche. Diz ele, "a arte é mais poderosa que a ciência, pois ela quer a vida, enquanto o objetivo final do conhecimento é o aniquilamento". Confiante nesta proclamação de Nietzsche concluo que não será através de definições e conceitos que alcançarei a compreensão da sensibilidade mas por um mergulho no interior do fenômeno da vida ou do ser vivo, e o caminho para entrar no labirinto da vida espero encontrá-lo na arte literária.

O apelo aos estudos de lingüística, especialmente da filologia e da etimologia, da antropologia, da filosofia e da psicologia, que recorri em trabalhos anteriores mostraram-

me apenas as vicissitudes e os dramas sofridos pela sensibilidade ao longo do cultivo e do domínio da racionalidade no ocidente.

A sensibilidade precisaria ser alcançada no seu acontecer. Ela não é um objeto a ser inteligido, mas um gesto, um sentimento, uma atitude que assume uma realidade segundo as exigências de cada momento, como resposta a um determinado apelo ou como atendimento a uma necessidade. A sensibilidade não se deixa representar por que ela é presença. É um estar-junto.

Antes de tentar este mergulho nas águas instáveis da vida através da arte da linguagem literária preciso dizer algumas palavras sobre a educação, já que o tema propõe uma aproximação entre educação e sensibilidade.

#### **4. UM PROJETO EDUCACIONAL**

O ser humano é o único que construiu um processo educacional para estabelecer um modo de viver que ultrapassasse a ordem biológica. O planeta terra, durante milhões de anos foi se desenvolvendo, nele surgiram muitos milhares de seres vivos, até o dia em que aparece o homem, o ser inteligente que resolveu apoderar-se do planeta para moldado segundo seus interesses. O instrumento de sua ação dominadora foi e é a inteligência, a capacidade humana que produz conhecimentos de controle, de domínio e de intervenção. O planeta terra foi se tornando um enorme canteiro de obras. O homem enxugou mares, alagou terras, arrasou montanhas, aterrou vales, destruiu florestas, arborizou, a seu modo, áreas devastadas e desérticas, desviou rios, perfurou a terra em busca de riquezas, dominou o raio, construiu bombas mortíferas, criou as ciências da saúde em busca de maior longevidade, pratica políticas de abandono e extermínios genocidas, aprendeu voar pelos espaços e pousar com seus artefatos voadores em outros planetas. O homem sente-se o senhor absoluto da natureza exatamente porque inventou um conhecimento que se transforma em poder.

Esta nova ordem, criada pelo, foi exigindo, cada vez mais, o aperfeiçoamento de formalidades ou técnicas pedagógicas planejadas segundo regras preestabelecidas. A produção e a transmissão de conhecimentos foram assumindo o lugar central deste processo educacional, porque são a base da capacitação do homem transformador do mundo. O conhecimento ou, melhor dito, o discurso científico tornou-se o único mediador entre o homem e a realidade externa. Não é exagero dizer também que o conhecimento passou a operar a relação do homem consigo mesmo.

O homem passa a relacionar-se com a vida, com seu corpo, com a natureza e com os demais seres humanos através de mil modelos científicos, nos quais a dimensão da subjetividade humana da experiência vivida e sentida desaparece. Em seu lugar surgem milhares de artifícios mediadores e promotores de conhecimento que constroem cada um e todos a se submeterem à linguagem do especialista que detém os segredos da

realidade. Diz Marilena Chaui que é assim que se constitui a ciência da competência cujo instrumento único é o conhecimento estabelecido como a competência instituída e institucional que se torna a arma para um fantástico projeto de dominação e de intimidação social e política. A educação tornou-se a grande tarefa de adquirir conhecimentos como exigência de interiorizar regras que nos assegurem que somos competentes, não só para trabalhar, mas para viver.

O homem tornou-se um ser pensante. E o pensar corretamente impunha sujeitar-se às regras do pensamento lógico-racional. Para pertencer à espécie humana não bastava ser gerado por seres humanos, mas era preciso uma iniciação. A iniciação às ciências. A humanidade dos seres humanos somente se realizaria dentro da ordem cultural instaurada pela lógica do pensamento racional. A apreensão inteligível do universo, ou seja, o conhecimento garante a realização do ser humano; e a aquisição deste saber garantirá a introdução de cada indivíduo na ordem cultural.

A educação tornou-se a grande tarefa de transmitir ou adquirir os conhecimentos indispensáveis para chegar à plenitude da cidadania, isto é, pertencer à ordem sócio-cultural da era das ciências e da técnica.

Novamente, e chamo a tenção para orientar a vocês para avaliar o meu ponto de vista, vou assumir a postura do questionamento crítico deste tipo de educação. Seguindo a lógica do meu procedimento metodológico, adotado até aqui, não pretendo recorrer a demonstrações científicas para provar a possível vulnerabilidade deste projeto educacional da pedagogia cognitivista. Desta vez recorro ao depoimento de um sobrevivente anônimo de um campo de concentração. "Os meus olhos viram câmaras de gás construídas por engenheiros doutores; adolescentes envenenados por físicos eruditos; crianças assassinadas por enfermeiras diplomadas; mulheres e bebês queimados por bacharéis e licenciados; (...) Por isso desconfio da educação. Eis o apelo que faço: ajudem os vossos alunos a serem humanos." (Carta de um sobrevivente de um campo de concentração - Jornal, O Público - Portugal).

Diante destas breves considerações concluo que o tema **Educação e sensibilidade** pode significar uma oportunidade de pensar outros rumos, outros caminhos e outros ideais para estabelecer uma presença pedagógica diferente para um processo educacional alternativo. Não significa que se deva eliminar os conhecimentos, porém não pode se ter a arrogância de coloca-los acima da sentimento. Ouso dizer mais, acredito que a última instância para a definição de todas as condutas humanas deveria ser o sentimento, porque a própria ciência é um resultado fecundado pela fertilidade da sensibilidade.

## 5. O HOMEM UM SER DE SENSIBILIDADE

Cheguei à conclusão de que o tema **educação e sensibilidade** pode ser, talvez, deve ser trado fora dos mecanismos mediadores do conhecimento. Não se trata, então, de confiar



nos aparatos conceituais nem nos procedimentos da produção de conhecimentos. Pouco ou nada adianta ter uma idéia de sensibilidade, ter uma teoria pedagógica da sensibilidade, porque a sensibilidade é uma prática, uma vivência. A sensibilidade se confunde com a vida, ela é vida. O conhecimento da vida não garante um correto viver. O correto viver é viver segundo a lógica da vida. Mas poderão dizer, a compreensão da vida que garante o correto viver, me é dado pelo saber científico. Penso diferente. O conhecimento da vida me é dado pelo sentir a vida e ocorre pelo fato de ser vivo. O conhecimento científico da vida não garante o correto viver. O saber científico poderá auxiliar, mas poderá, na mesma proporção, atrapalhar. Sentir a vida é o ponto de partida para organizar o modo de viver. O médico francês, Pierre-Marie Brunetti, esclarece bem a questão ao dizer que "a boa medicina não é a dominação tecnológica da natureza, mas a compreensão de sua lógica".

Parto do princípio de que a característica fundamental de todos os seres vivos é a sensibilidade. É pela sensibilidade que o ser vivo se dá conta de si mesmo, que percebe, isto é, sente tudo aquilo que o rodeia. Os vegetais sentem. Talvez, nós os homens das ciências, temos dificuldades de admitir tais fenômenos, quanto mais de perceber. Somente os admitimos quando as ciências são capazes de identificá-los e demonstrá-los. A lembrança da observação feita por Don Juan a Carlitos, que encontramos na obra de Castañeda, poderá esclarecer melhor esta metodologia sensitiva. Carlitos, diz D. Juan, você só saber 'ver' coisas que você sabe 'explicar'; então, se você renunciasse à explicação, você começaria finalmente a 'ver'. Age, e serás capaz de ver!" Eu diria vive e serás capaz de sentir a vida.

O conhecimento científico tem como objetivo usar os objetos conhecidos. Na medida que as ciências nos fornecem o conhecimento de nosso corpo vida a tendência é usá-lo e não vivê-lo.

A sensibilidade humana vai além da sensibilidade dos demais seres vivos. Ela é capaz de criar, de inventar novas formas de viver. É exatamente aqui que reside a grande riqueza do ser humano, mas também o seu grande perigo. Riqueza porque pode estender ilimitadamente os horizontes de sua vida; um perigo porque pode enclausurar-se num modelo de vida que julga definitivo.

É crença universal que a sensibilidade dos seres vivos não humanos se esgota nos limites de sua ordem biológica. O seu impulso sensível estaria preestabelecido. Não haveria uma consciência da sensibilidade, o que impossibilita um planejamento e uma expansão. No homem o impulso sensível rompe com os limites biológicos e passa, guiado pela imaginação, a planejar e construir novos modelos de pensar, de agir e de viver. É na fertilidade do impulso sensível que o imaginário humano produziu todas as organizações humanas inspiradas em construções simbólicas. Cada cultura tem sua construção simbólica e seu sistema de significações como organização interna.

Não posso demorar-me nesta análise. Quero apenas dizer que a ordem racional ou, simplesmente, a racionalidade é uma construção da sensibilidade humana ou, se quiserem, do poder do impulso sensível capaz de sentir de maneira diferente a realidade. O que inspira uma nova forma de ver e de organizar o mundo.

A compreensão do mundo baseada na racionalidade determinou a organização sócio-cultural que dominou os povos ocidentais. Ela aparece como um modelo universal de ordenação da humanidade. É, justamente, neste contexto que surgem os grandes conflitos antropológicos e culturais. O primeiro deles se estabelece entre a racionalidade e a sensibilidade, entre a razão e a emoção, entre o raciocínio e a intuição, entre o cérebro e o coração, entre a inteligência e o desejo. Posteriormente o conflito se estende entre o homem civilizado e o homem bárbaro e entre culturas primitivas e culturas desenvolvidas, entre o homem alfabetizado e o analfabeto.

Com isto formou-se um falso problema. Haveria uma racionalidade absoluta, tomada como forma universal de humanização? E, por contra ponto, haveria uma sensibilidade universal, aceita como um estágio provisório e primitivo na vida dos indivíduos e das sociedades?

### **5.1. A ilusão de uma racionalidade universal**

A racionalidade cultivada no Ocidente a partir da invenção do pensamento lógico-racional pelos gregos, não passa de um modelo gerado pela sensibilidade humana. Em outras palavras, a ordem racional surge como uma das formas possíveis de sensibilidade. Uma vez organizado o modelo racional a própria sensibilidade passou a se submeter a esta nova ordem, por ela inventado, como a forma mais adequada de se manifestar. Fica estabelecido um funcionamento dentro uma ordem controlada. As outras formas de sensibilidade não controláveis passam a ser julgadas como formas inferiores e vulgares. Toleradas apenas em situações especiais e privadas, ou em pessoas fracas e volúveis.

A sensibilidade racionalizada, se assim posso me expressar, torna-se controlada e controladora. A racionalidade é uma faixa da sensibilidade à qual se impôs um domínio através de regras de manifestação. Assim não se pode negar que o cientistas não seja dotado de uma fina sensibilidade quando realiza suas descobertas, entretanto é uma sensibilidade treinada para funcionar dentro de um determinado espectro. O homem das ciências foi educado ou treinado a relacionar-se segundo os modelos científicos e a dirigir sua ação segundo os princípios da tecnologia. É uma sensibilidade que se tornou autônoma porque funda-se sobre pesos e medidas e sobre ordens lógico-matemáticas e não sobre a liberdade de pensar de um sujeito humano. Haveria, assim, uma ordem racional independente do ser humano. Esta seria objetiva e determinista. É a ordem perseguida pela ciência, porque julgou-se que seria a ordem verdadeira do funcionamento da mente humana e, também, a ordem que sustenta o universo. Trata-se de uma lógica linear que possibilita acompanhar um movimento das causas aos efeitos e inversamente dos efeitos às causas.

Foi assim que se constituiu a crença de que a verdadeira ordem humana é a ordem racional. E tudo o que no homem não se enquadra nas regras de uma lógica previsível

estaria condenado às suspeitas dos fenômenos não confiáveis, porque volúveis, incontroláveis e imprevisíveis, como os sentimentos, as emoções, as paixões. produtos de uma sensibilidade não domesticável e não dominável.

Diante disto pode-se concluir que a Europa deve reconhecer a pluralidade dos mundos humanos, a provincialidade da área cultural inspirada no pensamento lógico-racional grego, na doutrina judaico-cristã e na jurisprudência romana e a relatividade do conhecimento científico como o critério supremo de verdade. Assim como a Terra não é o centro do cosmos, a Europa não é o centro do mundo, o homem não é o centro dos seres vivos, a razão não é o centro da humanidade e o saber científico não é único guia da vida humana.

As culturas orientais, particularmente, nos mostram que há outras formas de orientar o homem em suas relações com o universo e consigo mesmo. A humanidade criou múltiplas formas de auto-organizar-se que precisam ser avaliadas por critérios internos e não por critérios originários de outros modelos culturais. Assim a racionalidade deve ser entendida como uma forma de sensibilidade, nem a única e nem a melhor.

A bem da verdade, pode-se afirmar que cada cultura constrói sua própria forma oficial de sensibilidade. Usando a linguagem da cultura ocidental, cada cultura define sua própria racionalidade e tudo o que a ela se contrapor passa a ser o reino da sensibilidade, isto é, da não racionalidade ou das forças não submetidas à normalidade estabelecida. Tudo o que se projeto necessita de sua aprovação. Com ela justificam-se todas as decisões a serem tomadas.

## **5.2. A falsa idéia de uma sensibilidade saudável e oposta à racionalidade**

Se a cultura ocidental criou a crença na racionalidade lógico-matemática como ideal de perfeição humana, universalmente válido, também admitiu uma ordem pré ou anti-racional, cujos comportamentos não correspondem ao ideal de humanidade. Ainda que não se pensasse em extinguir essas forças incontroláveis do ser humano, vinculadas habitualmente à subjetividade e ao imaginário, nunca se deu credibilidade a suas manifestações. Admitia-se, assim, que o ser humano mantinha um nível de sensibilidade que lhe era próprio, mas estava em conflito permanente com os valores do espírito, os especificamente humanos, sempre condenados ao sacrifícios no mesmo instante que interferissem na ordem estabelecida.

A sensibilidade, tomada anteriormente a esta divisão entre o racional e o sensível, pode ser entendida como a capacidade de criar novos modelos de vida, de perceber pluralmente a realidade, de sentir livremente sensações diante dos outros. Assim pode-se concluir que a sensibilidade não só é anterior à racionalidade, mas a ela se sobrepõe como atitude mais fidedigna diante das exigências do mundo em que o homem vive. Ela é a única capaz de denunciar a prepotência da racionalidade e, especialmente, os artifícios das

racionalizações. É a sensibilidade a única capaz de perceber que a razão corrompeu os dois lados. Corrompeu o lado da razão porque a erigiu em único critério de verdade. Corrompeu a sensibilidade porque freqüentemente, a razão mascarada como sentimento, apresenta-se como defensora das misérias humanas. Derrama lágrimas diante das vítimas que ela mesma produziu.

Aqui também conclui-se que a sensibilidade será libertária na medida que apresenta valores alternativos à racionalidade oficializada.

Não será através de explicações racionais que será possível traçar as dimensões da sensibilidade, estas se manifestam nas mais variadas situações da vida humana. É nos fatos existenciais vivenciados ou em obras de ficção que a sensibilidade revela a plenitude de seus encantos.

## 6. AS DIMENSÕES DA SENSIBILIDADE

Essas dimensões não são mesuráveis. Não se submetem a nenhuma modelo de quantificação. Não aceitam definições e conceitos. Não se deixam abordar por lógicas simplificadoras. Elas são as dimensões da vida, seus limites se estendem até onde a vida alcança. E a vida tem sempre horizontes novos, cria paisagens diferentes. É neste mundo da vida que se estendem as dimensões da sensibilidade.

Assim sendo parece que não há outro caminho senão contemplar as dimensões da sensibilidade no seu acontecer. Ciente desta exigência resolvi buscar um caminho diferente, estranho, pouco acadêmico, nada filosófico e menos ainda científico.

### 6.1. A sensibilidade é vida.

Para falar das dimensões da sensibilidade vou retomar a idéia de Nietzsche que apresenta a arte como sendo mais poderosa que a ciência pois ela quer a vida. Foi assim que me lembrei e tive a coragem de buscar em Antoine de Saint-Exupéry, em sua pequena-grande obra **Le Petit Prince**, a inspiração necessária. Cativar é, por assim dizer, a certidão de nascimento da sensibilidade humana. Os primeiros sinais de vida cativante parecem vir, não da razão, mas do coração. Os homens, dizia o pequeno príncipe, cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim e não encontram o que procuram. E no entanto, o que eles buscam poderia ser achado numa só rosa, ou num pouquinho d'água. Acontece que os olhos são cegos. É preciso buscar com o coração.

Foi assim que o pequeno príncipe deixou o seu minúsculo planeta para uma viagem marcada pelo confronto entre a sensibilidade e a razão. A questão já aparece quando o autor quer identificar o planeta de onde vinha o príncipe que deveria ser o asteróide B 612.

Este fora visto uma vez no telescópio, em 1909, por um astrônomo turco. Ele fizera na época a demonstração da descoberta num Congresso Internacional de Astronomia. Mas ninguém dera crédito, por causa das roupas que usava. Passado um tempo um ditador turco obrigou o povo, sob pena de morte, a vestir-se à moda européia. O astrônomo repetiu sua demonstração em 1920, numa elegante casaca. E todo mundo se convenceu.

A narrativa continua, "se lhes dou esses detalhes sobre o asteróide B 612 e lhe confio o seu número, é por causa das pessoas grandes. As pessoas grandes adoram os números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo, elas jamais se informam do essencial. Nunca pergunta: "Qual é o timbre de sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que ele coleciona borboletas? Mas perguntam: "Qual é sua idade? Quantos irmãos tem ele? Quanto pesa? Quanto o seu pai ganha?" Somente então é que elas julgam conhecê-lo.

As visitas aos habitantes dos planetas vizinhos, que também eram asteróides, deram-se sempre sob o signo de valores contrários. O primeiro era habitado por um rei, que ao avistá-lo exclamou: eis um súdito. E o príncipe pensou, como pode reconhecer-me, se jamais me viu? Depois soube que, para os reis, todos os homens são súditos. (Seria abuso comparar aos cientistas e intelectuais?)

O segundo planeta era habitado por um vaidoso e ao avistar o príncipe, ainda de longe, já o identificou como um admirador que o visitava. Ele queria a confirmação de que o visitante o admirava e passou a explicar que admirar significava reconhecer que ele era o homem mais belo, mais rico, mais inteligente e mais bem vestido de todo o planeta. ( A máscara serviria aos especialistas?)

No terceiro planeta encontrou um beberão que bebia para esquecer que tinha vergonha de beber. (serviria aos racionalistas em geral?)

No quarto planeta morava o homem de negócios. Chegava ao cálculo de quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil setecentos e trinta e um de estrelas que ele dizia possuí-las. Diante da pergunta do príncipe que queria saber como podia possuir estrelas? Ele responde são minhas porque pensei primeiro.(quem escaparia?)

O quinto planeta, o menor de todos, era ocupado por um acendedor de lampião. Ao ser perguntado pelo príncipe por que acendia e apagava continuamente o lampião. Ele respondeu que é o regulamento. O movimento de seu planeta havia mudado mas o regulamento não mudou. (serviria aos educadores?)

Um velho que escrevia livros enormes habitava solitário o sexto planeta. Era um geógrafo. O geógrafo é um sábio, explicou ele, que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos. Estes eram registrados porque os exploradores os haviam descobertos. Ele mesmo não os conhecia. Quando o pequeno príncipe solicita-lhe que anota-se a flor de seu planeta, o asteróide B 612. Ele responde que os geógrafos não anotam as flores porque são efêmeras.(serviria aos professores?)

Na última etapa da viagem chega ao planeta Terra. Trata-se de um planeta diferente. Nele contam-se cento e onze reis, sete mil geógrafos, novecentos mil negociantes, sete

milhões e meio de beberrões, trezentos e onze milhões de vaidosos - isto é, cerca de dois bilhões de pessoas grandes. É nela que ele chega à conclusão que a vida muda quando somos cativados e cativamos.

Para completar essa minha nada científica exposição quero lembrar ainda uma passagem bíblica. Evidentemente não para fazer teologia, mas para buscar julgar que aí está a sensibilidade vivida numa história de ficção, a parábola do Bom Samaritano. Conta-se que um mercador ia de Jerusalém a Jericó, mas no caminho é assaltado e abandonado, por malfeitores, como morto a beira da estrada. Por aí passam um sacerdote e um levita, mas nada fazem por ele. Um samaritano, entretanto, aproxima-se dele, cura suas feridas, carrega-o em sua montaria e leva-o a um albergue para ser melhor cuidado. Paga todas as despesas feitas e garante que irá pagar, na volta, o restante dos gastos que forem precisos. Somente depois de certificar-se que estava tudo acertado retoma sua viagem.

Recorri a essa literatura porque julguei que nela estava uma descrição real das dimensões da sensibilidade. Então vejamos. Os diferentes elementos encontrados nas duas narrativas mostram outros traços das dimensões da sensibilidade.

## **6.2. A sensibilidade é livre**

O primeiro traço, sem dúvida, é o da liberdade. A sensibilidade é livre. Ela acontece independentemente de preconceitos, de normas preestabelecidas. Sua manifestação não segue regulamentos e decálogos. Seu ponto de referência não são teorias ou conhecimentos anteriormente adquiridos. O ponto de referência da sensibilidade é o apelo que vem do momento vivido, é a exigência de uma situação ou a necessidade de um fato presente ou a provocação de um desafio repentino. A sensibilidade corresponde à resposta direta de um chamamento, independentemente do que está estabelecido. Não é a aplicação de uma receita tirados os receituários, mas inventada em nome de uma situação. Ela constrói com liberdade o que deve ser feito para atender a quem lhe solicita uma atenção, lhe faz um pedido, lhe dirige um olhar.

Assim, ser sensível é ser livre para pensar, para falar, para escolher e para agir diante do que deve ser feito, não porque normas anteriores estabeleceram, mas porque as circunstâncias exigem tal resposta, tal atitude, tal gesto, tal palavra, tal olhar.

## **6.3. A sensibilidade é transgressora**

Pelo fato da sensibilidade agir em nome da liberdade ela torna-se transgressora e rebelde. Como o seu referencial é o apelo que vem da situação sua resposta não se preocupa com as leis estabelecidas. As leis justificavam o comportamento do sacerdote e do

levita pelo não atendimento ao homem caído ao longo do caminho. Não se podia tocar em mortos. O Samaritano desconheceu o que a lei dizia e seguiu o apelo de um ferido que, sem pedir verbalmente, revelava a necessidade de auxílio.

Os habitantes dos planetas visitados pelo pequeno príncipe mostravam-se escravos de regulamentos, de títulos, de vícios, de negócios e de outras formas de comportamento das quais não conseguiam libertar-se.

O homem sensível rebela-se contra todas essas imposições que o impedem de escutar, de atender e de aproximar-se das pessoas que lhe estendem sua mão pedinte, ou lhe solicitam, pelo menos, um simples olhar de compaixão e um momento de compreensão.

#### **6.4. A sensibilidade é comprometedora**

A sensibilidade é comprometedora. Ela corre riscos. O risco de errar. O compromisso de dedicar-se ao outro. Ela é exigente. Impõe a mudança de caminho, de projeto ou de atitude. O Samaritano precisou interromper seu caminho, deixar de lado temporariamente seus negócios. Utilizar seus recursos em benefício do outro. Colocar-se à disposição.

#### **6.5. A sensibilidade é perigosa**

A sensibilidade é perigosa. Ela não sabe antecipadamente se o que decidiu fazer é o correto. Sabe que precisa fazer alguma coisa que não pode negar seu socorro, seu conforto.. Somente depois certifica-se do acerto. Não em nome de um resultado mas porque sentiu que proporcionou a alguém um momento de paz e de felicidade. O mendigo, socorrido por Madre Teresa de Calcutá, não sobreviveu, mas teve um momento de felicidade porque podia morrer como homem.

Agir em nome da sensibilidade significa correr riscos porque nunca se lhe perdoa as falhas. Um erro cometido nas atividades orientadas pela racionalidade é justificado, nunca se incorre em penas e sanções. Um erro proveniente de um ato guiado pela intuição sensível sempre será condenável. Uma decisão racional sempre será tida como séria e sensata. Uma decisão inspirada no sentimento sempre será suspeita.

#### **6.6. A sensibilidade é presença**

A sensibilidade é presença. É estar-junto. É sentir e sentir-se com o outro. É tocar o outro. A mão que toca, que acaricia. A sensibilidade do táctil, o toque da mão, do abraço do beijo possuem uma energia poderosa de aproximação, de presença, de encontro, de

comunhão. A taticidade celebra a fusão entre os corpos pelo prolongamento de um no outro. O beijo identificou Francisco de Assis aos leprosos. A imposição das mãos tornou-se o símbolo da transmissão de energia para as pessoas.

Se a taticidade é poderosa para o encontro, o é, também, na mesma proporção uma força perigosa. Ela pode ser uma força de invasão, de violação, de dominação. Neste caso, penso eu, não é a racionalidade que resolve o problema. A solução racional é afastar e evitar os gestos de tocar, e agir, à distância, sem sentimentos, sem emoções. A solução é simples, a taticidade pode criar problemas, elimina-se o toque. Quem deve conduzir a sensibilidade tátil, sem dúvida, é a própria sensibilidade, pois ela dá o sinal de quando está ultrapassando as fronteiras do equilíbrio. A racionalidade é o refúgio, onde não entram as emoções, por isso nos julgamos seguros, ao mesmo tempo que justificamos nosso comportamento que denominamos de profissional.

Para concluir, penso que o começo da compreensão da sensibilidade é escutá-la, em lugar de querer neutralizá-la ou eliminá-la, conforme os princípios racionalistas. Não se trata de eliminar a sensibilidade, mas de senti-la e educá-la. Tarefa que se tornou difícil porque foi excluída de nosso projeto educacional que se reduziu à racionalidade cognitivo instrumental. Como Thomas Mann, acredito que deveríamos também recorrer às teses da educação estética do homem, propostas por Friedrich Schiller. Ou então, buscar inspiração nos gestos de fraternidade, de solidariedade que buscam confortar, como gotas num oceano, os comoventes dramas de multidões de excluídos. Uma vez cultivada a sensibilidade, a humanidade poderá dar-se conta que os conhecimentos e as ferramentas, isto é, as ciências e a técnica, devem oferecer benefícios a toda humanidade, não apenas a um grupo de privilegiados.

Quando isto acontecer, podemos dizer com Michel Maffesoli que não mais teremos uma cultura da razão, mas, verdadeiramente, uma escultura do sentimento.

Por fim, quero lhes confessar que havia sonhado em oferecer-lhes em síntese uma compreensão clara da sensibilidade. Nas minhas leituras encontrei um texto de Lucien Febvre, onde há um título que trata da sensibilidade e história. Começa identificar a presença da sensibilidade na língua francesa desde o século XIV. Cheguei ao fim da leitura sabendo seus diferentes significados, mas não consegui saber, neste texto, o que, de fato, significa a sensibilidade na minha vida e muito menos uma resposta para ver como ela poderia fazer parte da educação.

Diante do fracasso, consolei-me com Maffesoli ao dizer que a cultura do sentimento é muito mal apreciada pelo mundo intelectual; nós temos sempre uma desconfiança diante daquilo que remete à fusão, à confusão, à não distinção. Portanto, concluí que não seria por procedimentos acadêmicos que chegaria à compreensão sonhada. Outro consolo encontrei na idéia de Edgar Morin de que as manifestações dos seres vivos seguem a lógica da complexidade e não as lógicas simplificadoras das ciências.



Acabei por achar que uma boa compreensão da sensibilidade somente seria possível mergulhando em nossa própria vida ou, então, apreendendo-a em modelos de comportamento. Foi assim que voltei para o pequeno príncipe quando ele encontra no planeta Terra, o vendedor de pílulas para eliminar a sede. Bastaria tomar uma por semana e não mais seria preciso beber. Isto proporcionaria uma grande economia de tempo. E segundo o cálculo dos peritos, a gente ganharia cinquenta e três minutos por semana. E assim se poderia, durante esses tempo, fazer o que a gente quiser.

Convenci-me de que na decisão da maneira de ocupar esse tempo estaria uma excelente compreensão da sensibilidade que eu gostaria ter.

Foi assim que o pequeno príncipe, diante desta economia de tempo, tomou esta decisão: "Eu, pensou o príncipezinho, se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, iria caminhado passo a passo, mãos no bolso, na direção da fonte".

Prof. Silvino Santin

Santa Maria, 14 de outubro de 1997.